



HANTOWER, Maya. Do corpo vivo ao corpo desvitalizado: como o corpo tornou-se “escravo da mente”? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

DO CORPO VIVO AO CORPO DESVITALIZADO: COMO O CORPO TORNOU-SE “ESCRAVO DA MENTE”?

Maya Hantower

RESUMO

O dualismo cartesiano é com frequência entendido como um dos grandes “vilões” da cisão entre mente e corpo de que sofremos, ao que parece, cada vez mais. Estudos recentes empreendidos principalmente nos campos da História e da Antropologia sobre o modo como se constituiu o conceito de corpo tal como o concebemos descrevem um longo processo – que o Renascimento inaugura e Descartes configura no plano das idéias – de dissociação entre corpo, alma e natureza. Esse processo também destituiu o indivíduo do poder sobre seu corpo, sedimentando o que José Ângelo Gaiarsa denomina “tradição negativa do corpo”. É nosso propósito apresentar os principais marcos dessa passagem.

Palavras-chave: Corpo. Dissecção. Dualismo. Identidade. Renascimento.

.....

Para os psicoterapeutas que tem no corpo uma ferramenta de leitura e intervenção, compreender, numa perspectiva histórica, o modo como ele se constituiu conceitualmente em nossa cultura e o lugar que ocupa nas representações que fazemos do humano e do mundo é ganhar distância e lucidez com relação ao universo cultural em que estamos mergulhados.

Tem sido vitais para nossa reflexão os estudos que abordam as chamadas “questões do corpo” na sociedade contemporânea. A vasta produção de escritos sobre culto ao corpo e correções corporais, também no âmbito nacional¹, tem contribuído para aprofundar o espírito crítico e articular um pensamento interdisciplinar que amplia o entendimento.

Os reichianos, que defendem e reafirmam o princípio da unidade funcional, se deparam mais e mais com intervenções dissociadas nos corpos, uma tendência repetidamente denunciada, entre outros, pelo antropólogo francês David Le Breton. Para ele,

¹ Nota da autora: Ver *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*, Mirian Goldenberg [et al.] – Rio de Janeiro: Record, 2002; ver também Denise Bernuzzi Sant’Anna, org. *Políticas do corpo* – São Paulo: Estação Liberdade, 1995.



HANTOWER, Maya. Do corpo vivo ao corpo desvitalizado: como o corpo tornou-se "escravo da mente"? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

(...) o indivíduo, na sociedade contemporânea, pensa o corpo como um material, como um simples suporte e veículo da pessoa, assim andando e pensando, ele parece se afastar cada vez mais do seu próprio corpo e concebê-lo como uma matéria imperfeita, corrigível e finalmente dispensável. (...) Esse grande desprezo pelo corpo, essa vontade de corrigir e eliminar o corpo é veiculado principalmente pelas tecno-ciências (medicina, genética, robótica, informática...), que pretendem liberar o homem do seu corpo, mudar a condição humana, declarando o fim do corpo e das suas imperfeições. (LE BRETON in MALYSSE, 2000, p. 271)

Esse cenário incide dramaticamente no âmbito da prática corporalista, em que a propriocepção caminha par e passo com a apreensão da subjetividade.

A tese de doutorado de André Valente de Barros Barreto – A luta encarnada: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich – descreve em seu capítulo inicial o modo como se configurou historicamente a passagem de uma representação de corpo viva, integrada e potente para a de um corpo mecânico, desvitalizado, destituído de poder, escravizado à mente.

Nos interessa descrever essa passagem, ainda que sucintamente, com o modesto objetivo de difundir a história da concepção moderna de corpo. Uma trajetória que, por sua vez, parece apontar hoje para um horizonte surpreendente: a dos cyber-corpos. Usarei como principal referência a tese de Barreto.

Organismo

A definição de corpo que adotamos nos parece tão natural que poderíamos assumi-la como universal. É um corpo-organismo, objeto passivo, base material de nossa existência:

Este corpo, comumente chamado de organismo, (...) emerge como este objeto curioso que perfaz um conjunto hierárquico de órgãos integrados entre si, embora independentes uns dos outros, que segue uma dinâmica própria, em grande medida *indiferente tanto ao sujeito que o encarna quanto ao meio no qual se encontra* (grifo meu) e cuja operacionalidade se dá por meio de sua completa fragmentação. (BARRETO, 2007, p. 26).



HANTOWER, Maya. Do corpo vivo ao corpo desvitalizado: como o corpo tornou-se "escravo da mente"? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Essa definição 'evidente', no entanto, começou a ser delineada na passagem do mundo feudal para o mundo moderno, acabando por instituir o campo biomédico como único proprietário legítimo do corpo².

'Condensado de Cosmo'

Nas sociedades tradicionais e na sociedade ocidental pré-moderna não existia separação entre o homem, seu corpo e a natureza.

Tomemos o exemplo citado por Barreto, o do povo *canaque*, da Nova - Caledônia: na sua língua, são usadas as mesmas palavras para designar casca da árvore ou pele, polpa de fruta e carne de homem, coração da madeira e ossos. O corpo é "*um campo de força em ressonância com os processos de vida que o envolvem. Nas tradições populares, o corpo mora em ação sobre o mundo, é uma parcela não separada do universo que lhe confere energia. Ele é um condensado de cosmo*" (LE Breton in BARRETO, 2007:28).

Dito de outra forma, o corpo não confere identidade, ela é coletiva, "ultrapassa sua pele e abrange igualmente seus objetos de uso corrente" (BARRETO, 2007:28).

Essa noção de homem, corpo e natureza amalgamados também existia na Grécia Antiga e na Bíblia, em que não aparece o corpo como o concebemos. No Antigo testamento utiliza-se o termo grego *sarx*, que significa carne. Na língua hebraica antiga também não existe a palavra corpo, mas *hasar*, uma referência tanto à alma quanto ao corpo.

A passagem

O Renascimento dá início a mudanças sociais, culturais e econômicas que inauguram o mundo moderno.

De unidade que só ganha sentido como coletivo, o indivíduo vai aos poucos adquirindo um sentido de diferenciação dos demais. Essa ruptura, a do

² Nota da autora: O Ato Médico, em discussão no Congresso Brasileiro, expressa bem o poder hegemônico conquistado por esse campo ao longo do tempo.



HANTOWER, Maya. Do corpo vivo ao corpo desvitalizado: como o corpo tornou-se "escravo da mente"? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

homem com os homens, é uma mudança decorrente do desenvolvimento do comércio, do intercâmbio com outras culturas, religiões, costumes, culinárias. Isso que cria condições para uma visão de mundo mais ampla. O mercador destaca-se aos poucos e coloca seus interesses pessoais como nova força social, se faz retratar por pintores que assinam seus nomes nas telas – algo inédito até então, visto que a esmagadora maioria das representações pictóricas eram personagens e cenas bíblicas nas igrejas. Isso incide na configuração de um sentido de identidade como o entendemos na modernidade.

Mas é na medicina e através dela que o olhar sobre o corpo se modifica radicalmente, e isso a partir das pesquisas anatômicas, ou seja, da dissecação de cadáveres. Até o século XIV, era uma prática terminantemente proibida. Considerava-se a violação de cadáveres uma violação da própria alma, porque corpo e alma eram indissociáveis. Essa proibição não impediu anatomistas e artistas, como Leonardo da Vinci e Michelangelo, de roubar corpos nos cemitérios para fazer suas pesquisas. No século XVI, o belga André Vésale publica uma obra, *De humani corporis fabrica*, com desenhos de corpos dissecados. Essas ilustrações, comenta Barreto,

(...) possibilitam à ciência médica lidar com o corpo desligado da morte, isto é, do cadáver real. (...) Essas representações permitem, a um só tempo, objetivar e abstrair o corpo, fazer dele um objeto, uma materialidade dessacralizada, e um construto intelectual, uma abstração, com o intuito de conhecê-lo e controlá-lo. *A dissecação anatômica do corpo humano (...) consolida, assim, a distinção entre o homem e seu corpo, abrindo caminho para a compreensão deste como objeto próprio e autônomo, algo distinto do homem que agora o habita.* (grifo meu) (BARRETO, 2007, p. 35)

Muda o olhar do ocidente sobre o corpo: de um lado, a dissecação torna-se a principal ferramenta de construção do saber médico, de forma que o modelo de corpo é o morto, máquina sem vida. De outro, por ser a medicina pioneira em transformar o corpo em campo de conhecimento, ela estabelece a prerrogativa de controlá-lo, “fazendo do corpo em geral, e do corpo doente em particular, uma propriedade do médico, único profissional autorizado a olhá-lo,



HANTOWER, Maya. Do corpo vivo ao corpo desvitalizado: como o corpo tornou-se “escravo da mente”? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

despi-lo, tocá-lo, cortá-lo e, no limite, fazê-lo morrer ou viver” (BARRETO: 2007, p. 35).

O racionalismo filosófico do século XVII dá o golpe de graça na noção de um corpo indissociável da alma.

Nele destaca-se o filósofo René Descartes, defensor da tese do dualismo entre alma (*res cogitans*, o pensamento) e corpo (*res extensa*). Ele se recusa em reconhecer a faculdade de pensar no animal, concebendo-o como uma “máquina”, quer dizer, um corpo desprovido de alma. Tais idéias aparecem pela primeira vez na filosofia ocidental nos escritos de Platão e Aristóteles. Para eles, a “inteligência” do homem (uma faculdade do espírito ou da alma) não pode ser assimilada nem explicada pelo seu corpo material, porém é Descartes que propõe o corpo como uma “engrenagem especializada, destituído de sua versatilidade, bem como de seus recursos próprios, passível de ser decomposto em suas múltiplas partes independentes, em tese substituíveis, portanto, algo manipulável.” (BARRETO: 2007, p.37).

Em suma, a partir desses grandes momentos do pensamento ocidental – o individualismo, a dissecação anatômica e a filosofia mecanicista – erige-se o corpo como é comumente entendido, empregado, vivido, quer dizer:

- Cindido da natureza, mesmo sendo uma de suas expressões;
- Destituído de elementos sagrados (alma);
- Autônomo, autómata e desmontável;
- Fator de distinção entre os demais;
- Algo que se *possui*.

Essa passagem de *ser um corpo para ter um corpo* instaura o que José Ângelo Gaiarsa chama de “gloriosa tradição negativa do corpo”, que se expressa, no campo das representações, da seguinte forma:

- O corpo é escravo da mente, portanto uma coisa inferior com a qual podemos fazer o que quisermos;
- Os sentidos e a imaginação são enganadores: o corpo não é fonte de conhecimento; as emoções podem e devem ser controladas pelo raciocínio;



HANTOWER, Maya. Do corpo vivo ao corpo desvitalizado: como o corpo tornou-se "escravo da mente"? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

- As resoluções são fruto do raciocínio.

Essa evidente perda de potência e vitalidade de uma representação de corpo dissociado da mente / alma foi re-contextualizada por Wilhelm Reich, seus “discípulos” e próximos, teórica ou tecnicamente, no século XX. A concepção dualista, porém, mais do que preponderar, propõe novos avanços, extensões inesperadas, novos desafios. Cabe então às comunidades reichianas apresentarem suas propostas. Como dizia um apresentador de tevê cujo nome me escapa, “quem sabe faz ao vivo!”.

.....

REFERENCIAS

Barreto, A. B. **A luta encarnada: corpo, poder e resistência nas obras de Foucault e Reich**. Doutorado em Psicologia Clínica, São Paulo: 2007

.....

AUTORA

Maya Hantower/SP – Psicóloga (CRP-?????) com formação em Psicoterapias corporais neo-reichiana (Análise Bioenergética, Biossíntese e Biodinâmica). Tradutora e intérprete na área corporalista. Coordenadora Pedagógica e professora da Formação Neo-Reichiana de Terapeutas do Centro de Treinamento e Desenvolvimento Humano Cochicho das Águas – Mairiporã, São Paulo

E-mail: mayahantower@terra.com.br